

ORIGEM DAS PALAVRAS

Compilado por CMG (RM1) Pedro Gomes dos Santos Filho

ABALROAR – O termo vem da palavra antiga “abalroa”, uma espécie de arpão com uma amarra a ele talingada, que se lançava a um navio inimigo para atracá-lo a contrabordo e mantê-lo acostado.

AGULHA – As barras de ferro imantadas que indicavam a linha Norte-Sul das primeiras bússolas foram afinando-se, especialmente na extremidade Norte, chegando a ser tão agudas que acabaram levando o nome de agulhas magnéticas.

ALARME – A origem do termo é a expressão italiana “all’ arme”, que significa às armas. O brado era usado para que uma tropa militar se armasse para se defender, diante da iminência de uma investida inimiga. A expressão se transformou na palavra “allarme”, adaptada em português para alarme.

ALMIRANTE – A origem do termo vem do árabe “Al” (o) “amir” (chefe).

ARQUEAÇÃO – Ato de medir o volume dos espaços de uma embarcação. O arco representando o diâmetro do tonel indicava o número de tonéis que podiam ser transportados. A operação de medir os espaços utilizando como medida o arco chamava-se arquear o navio.

ARRIBAR – Entrar em um porto que não seja de escala, ou voltar ao ponto de partida. É, também, desviar o rumo na direção para onde sopra o vento. A palavra vem do latim “ad” (para) e “ripa” (margem, costa).

ARSENAL – Palavra de origem árabe. Vem da expressão “ars sina” e significa o local onde são guardados petrechos de guerra ou onde os navios atracam para recebê-los. A expressão “ars sina” deu origem ao termo arsenal, em português e ao termo “darsena” que, em espanhol, quer dizer doca.

AVISO – Navios auxiliares de pequeno porte, empregados em tarefas de apoio como transporte de pessoal, remoção de feridos, etc. Provavelmente receberam esse nome porque antigamente eram utilizados na transmissão de ordens, despachos e mensagens.

BELONAVE – Navio de guerra. Vem, a palavra, do latim “navis” (nave, navio) e “belium” (guerra).

BOMBORDO – A origem é a palavra escandinava “bak bordhi”, que passou para o espanhol e português como “babor”. Mais tarde, em português se tornou bombordo.

BRAÇAS – A palavra em inglês “fathom” deriva da palavra anglo-saxônica “faetm”, que significa abraçar. Nos velhos tempos a maioria das medidas era baseada ou nas partes do corpo humano tais como pés, polegadas ou em medidas entre dois pontos do corpo. “Fathom” (braças) é a distância média entre a ponta dos dedos quando se abrem os dois braços de um homem como se fosse abraçar alguém. Mede cerca de 6 pés.

BÚSSOLA – O termo bússola é derivado da palavra italiana “bussolo”, que por sua vez, é uma corrupção lingüística das palavras do latim medieval “buxida” e “buxus”, que significam um recipiente de madeira, ambos originários da palavra do latim clássico “pyxis”, que quer dizer caixa. Em 1380, um cidadão chamado Francisco de Buti descrevia a bússola como “uma caixa de madeira com uma cobertura de vidro em que um disco redondo preso a um elemento magnético gira livremente, indicando direções em graus de 0 a 360 e incluindo uma rosa dos ventos”.

CABOTAGEM – Navegação de cabotagem. Provavelmente, o termo origina-se da expressão “Navegar de cabo a cabo” ou “Navegar entre cabos”, que significa navegar próximo de terra, mais ou menos nos alinhamentos das sucessivas pontas ou cabos que existiam na costa.

CALOURO – Originalmente designava os monges da ordem de São Basílio. O termo vem do grego medieval “kalógeros”. A mudança de sentido vem, provavelmente, da semelhança entre as maneiras como viviam estes monges e os estudantes internos, em congregações.

CÂMARA – Câmara do Comandante. A palavra vem do latim “câmera” que significa sala ou quarto. De câmara origina-se camarim e camarote.

CAPITÂNIA – Navio onde está embarcado o Capitão-Mor de uma Armada.

COMANDO – O termo português comando foi herdado do francês “commande”, mas no sentido militar é uma criação portuguesa que foi adotada como “kommando”, pelo exército dos bôeres. Do africâner (idioma dos bôeres) o vocábulo passou para o inglês como “command” e daí para as demais línguas européias.

COMPANHIA – A origem remota é o latim vulgar “compania”, termo em que estão presentes “cum” (com) e “panis” (pão). Uma companhia era um grupo de pessoas que dividiam o mesmo pão.

CUCA; Mestre Cuca – Deriva do inglês “cook”.

EMBARCADO – Barco vem do latim “barca”. Na época dos descobrimentos, barca era uma embarcação média, com velas latinas ou remos, que foi usada até a metade do século XV. Quem está a bordo, está dentro de um barco ou navio. Está embarcado. Entrar a bordo de um barco, é embarcar. E dele sair é desembarcar. Uma construção, que permita o embarque de pessoas ou cargas para transporte por mar, é uma embarcação.

ESTADÍMETRO – Equipamento que mede o “estádio”, medida de comprimento antiga, cujo valor era 125 “passos duplos”, que correspondia a cerca de 0,1 da atual milha náutica.

ESTALEIRO – Estabelecimento industrial onde são construídos navios. Como os navios antigos eram feitos de madeira, o local de construção ficava cheio de estilhas, lascas de madeira, estilhaços ou, em castelhano, “astilias”. Os espanhóis, então, denominaram os estabelecimentos de “astüeros”, que em português derivou para estaleiros.

ESTIBORDO – Vem de “steer” (conduzir) “board” (bordo). Nos primeiros navios o leme ficava à direita de quem olha para a proa e se chamava “staurus”. Os navegantes noruegueses chamavam essa peça de “staurr”, que os ingleses herdaram como “steor”. Daí passou a “steer”. Na Marinha do Brasil, tornou-se boreste; dizem que o autor dessa palavra foi o Almirante Artur Silveira da Mota, Barão de Jaceguai (alguns creditam ao Almirante Saldanha da Gama), pois na Guerra do Paraguai, o ambiente ruidoso confundia as ordens de manobra e de fogo relativas a bombordo e estibordo. Aviso do Ministro da Marinha Alexandrino Alencar oficializou o termo.

FAROL – O farol de Alexandria, construído por Alexandre, O Grande, em 332 a.C. e uma das sete maravilhas do mundo, situava-se na ilha de Pharos. Do nome dessa ilha vieram “phare”, em francês e “faro”, em italiano e espanhol. No espanhol também se formou a palavra farol que originou o equivalente em português.

GALERA – A palavra vem do catalão “galera” (embarcação de guerra movida a remos ou à vela) parente do francês “galère” (antiga embarcação impulsionada por remadores). Da mesma origem vêm: Galé (navio a remo de grande porte usado na guerra e no comércio); galeão (grande navio de guerra parecido com

a nau) e galeota (pequena galé com cerca de 40 remadores).

GOVERNAR – Vem do latim “gubernare” que, por sua vez, deriva do grego “kybernân”, que significa pilotar, dirigir navio ou nau.

GUDE - Boa compra feita no estrangeiro. Vem do inglês “good”, que significa mercadoria.

IMEDIATO – Deriva da expressão Oficial imediato ao Comandante.

JEQUE – Bandeira do cruzeiro içada à proa, distintivo do navio de guerra; possui 21 estrelas. Origina-se do inglês “jack”, que significa marujo.

LEI DE BRUQUE – Lei fictícia da falta de sorte. “Bruque” ou “Brook” vem da palavra inglesa “broken”, quebrado.

MERCANTE – A palavra é derivada do latim “mercans” (comerciante), do verbo “mercari” (comerciar).

MESTRE D’ARMAS – O termo Master-at-arms é do tempo do Rei Charles I, da Inglaterra. Assim eram chamados os “xerifes do mar”, homens que tinham a responsabilidade pela guarda, manutenção e prontificação das espadas, pistolas, carabinas e mosquetões. Além disso, eram especialistas em combate corpo a corpo. Na Marinha do Brasil perdeu esse significado e se refere à praça graduada que dirige o serviço de rancho do pessoal subalterno.

MILHA – Nas estradas romanas, a cada mil passos era colocada uma pequena coluna ou um monte de pedras a que chamavam de “lapis milliarius” (marco miliário). Daí surge “millia”, que em português deu milha.

NAVEGAR – Um navio é uma nave. Conduzir uma nave é navegar, ou seja, a palavra vem do latim “navigare”, “navis” (nave) + “agere” (dirigir ou conduzir).

NINHO DE PEGA – O mesmo do que cesto da gávea ou somente gávea. Pega é um pássaro da família dos corvos. Este tipo de pássaro foi no passado um excelente “instrumento de navegação”, pois os corvos e outras aves são capazes de sentir a proximidade da costa. Os “vikings” levavam corvos consigo e quando supunham estar próximos de terra, soltavam um deles. Se o pássaro saía voando, o comandante do barco o seguia e provavelmente encontrava terra. Se a ave retornava ao barco, o comandante deduzia que não havia nenhuma terra próxima. O ninho do pássaro ficava no mastro principal, local onde o vigia dava o seu serviço e onde hoje fica situado o ninho de pega.

NÓ – Para se medir a velocidade nos tempos antigos era usada a barquilha, ou barquinha, pedaço de madeira em formato de um pedaço de torta, presa em uma linha bem leve, que tinha nós feitos a intervalos regulares. Um marujo atirava a barquilha no mar virava uma pequena ampulheta que permitia contar até 30 segundos e contava quantos nós passavam pelos seus dedos à medida que a barquilha fosse se afastando do navio.

ORIENTE – Vem do verbo latino “oriri”, que significa surgir. O sol surge a leste, daí oriente.

OCIDENTE – Vem do verbo latino “occidere”, que significa cair. O sol se põe a oeste, daí ocidente.

POPA – Deriva de “puppis”, palavra latina que significa imagem. Na popa eram levadas imagens dos deuses protetores, convertendo-se, assim, no santuário dos devotos que a eles confiavam a sua fortuna em cada viagem que empreendiam.

PRAÇA D'ARMAS – A expressão originou-se do fato de, no tempo da Marinha a vela, ser no compartimento reservado à refeição dos oficiais que se guardava o armamento portátil de que dispunha o navio.

PORTALÓ – Nos navios à vela bastante antigos, era comum a existência de duas portas, situadas a ré, uma a boreste e outra a bombordo. Ao manobrar um navio à vela, o comandante ou oficial posicionava-se a barlavento. Estar a barlavento era o mesmo que “estar a ló”. A palavra ló vem do francês “lof” ou “loef”, que significa lado da embarcação voltado para o vento. O oficial que estava manobrando a embarcação ficava, portanto próximo a porta que ficava a barlavento, ou porta a ló. As palavras foram, com o tempo, fundidas aparecendo, então, portaló.

REGATA – O verbo “regatar” significava alcançar em um antigo dialeto falado em Veneza, cidade os canais e das gôndolas. Deste verbo derivou o substantivo regata, para denominar as disputas e corridas de gôndolas, termo que passou para o italiano como “regatta” e depois para o português na forma original.

SARGENTO – O termo vem da palavra alemã “scher”, que era o arqueiro da polícia na Idade Média. Os franceses adaptaram para “sergent” e veio para o português como sargento. Alguns dizem que o formato de flecha das divisas dos sargentos tem a ver com o arqueiro.

SEMÁFORA – Provavelmente corruptela de semáforo, aparelho empregado em estradas de ferro para fazer sinais por meio de lanternas, bandeiras, braços oscilantes, etc.

SEXTANTE – Descendente moderno do antigo astrolábio, é formado por uma parte ótica e um arco graduado que é a sexta parte de um círculo, daí a origem do termo.

SOLDADO – O termo vem do italiano “soldato”, participio passado do verbo “soldare”, que quer dizer alistar a soldo, assalariar. O soldado, ao contrário dos escravos, se alistava em troca de salário ou soldo.

SOLDO – A história desse termo começa com o latim “solidus”, que significa consistente, rijo, maciço. Daí surgiu solidus denominando uma moeda de ouro de valor correspondente ao peso, por ser feita de material maciço. O termo desembocou no termo soldo, uma espécie de moeda com que se pagavam soldados mercenários na Idade Média.

TAIFA – Palavra árabe que significa grupo. A taifa, na Marinha antiga, era o grupo de marinheiros e soldados que durante o combate guarneciam a tolda e o castelo de proa.

TENENTE – Aquele que tem a posse. Vem do latim “tenens”, do verbo “tenere” (ter).

TONELAGEM - Medida de volume e não de peso. A origem do nome vem de antigamente: os navios eram medidos por sua capacidade em carregar tonéis-padrão. Era a tonelagem, de tonéis. O tonel era um barril normalmente usado para transportar vinho. Foi de “tons”, corruptela do francês “tonneaux” (tonéis) que veio “tonnage”, que deu em Português tonelagem e tonelada. Um tonel equivaleria ao volume de um tonel de seis palmos de comprimento e quatro palmos de diâmetro. No século XVII os navios que carregavam vinho de Bordéus eram comparados pelo número de tonéis que podiam transportar.

TOPE; “Atenção para o tope” – Exclamação dos encarregados de navegação à hora que tomam a altura dos astros ou regulam os cronômetros – Vem da palavra inglesa “stop”.

TURCO – Coluna de ferro tendo a parte superior recurvada para receber um aparelho de içar; serve para içar embarcações e outros pesos. Recebeu este nome porque é curvo como as costas dos mascates, vendedores ambulantes que antigamente percorriam cidades, povoados e casas da zona rural vendendo artigos de armarinho e miudezas em geral. Como muitos pensavam que os árabes que vinham negociar no Brasil embarcavam no porto de Mascate (Masqat, em árabe; situado na cidade que hoje é capital de Omã), esses negociantes ganharam o nome de mascates. É importante notar que a palavra turco, no Brasil, é usada para denominar os naturais de qualquer país árabe.